



Director literario:

Antonio Gomes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Valls
PAPUSSE

AVENTURAS de PIM de PAM e de PUM

Continuação do número anterior



*Pam vendo o Pum e o Pim
Nas feias garras do agente,
Pensa a forma inteligente,
De os ir salvar do «Estarim».*



*Entretanto, surge um cão,
Mesmo ao pintar da faneca,
Que faz Pam gritar:—«Eureka!
Eis aqui a salvação!»*



*E ao ver um gato, no alto
Dum muro, val-se ao gatinho
E arruma-o contra o focinho
Do rafeiro que dum salto...*



*Atrás do gato assanhado,
Parte em doida correria;
E a Pam, numa gritaria,
Brada:—«Fujam, vai danado!»*



*O agente ouvindo um tal brado,
Dando «às de villa Diogo»
Larga o Pum e o Pim que logo
Riem do bom resultado...*



*E o Pim então deixa fora
Os postigos que puzera,
Ficando tal como era!
.....
Que irá suceder agora?!*

(Continúa no próximo número)

O TIO LUCIANO

E AS RATAS CONSTIPADAS

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES

12 ANOS DE IDADE

:: DESENHO DE EDUARDO MALTA ::

Era uma vez uma ratazana muito velha e muito feia, que vivia nos canos de esgôto da cidade. Era a rata-sábia, aquela que comandava o grande regimento de ratos que tinham os seus quartéis por baixo da cidade. Nunca se notara uma conspiração! Apenas uma vez, a rata-sábia, a senhora genera-



la, foi obrigada a meter no calabouço um rato-galucho que não quiz levantar o rancho. E tinha muita razão o galucho; o rancho naquele dia não se podia tragar. A prisão não foi mantida por ser a primeira vez que se dera uma insubordinação. A senhora generala é que não ficou lá muito contente e mandou tocar a unir.

Muitos milhares de ratos acorreram ao chamamento.

A Senhora generala muito apurhada e depois de revistar aquele grande regimento, fez uma preleção. E assim, chiando, que é como os ratos se entendem, disse: — «Soldados!... Em nome da disciplina, e por ser a vossa comandante, tenho o sagrado dever de vos elucidar que o nosso exército corre grande perigo, perigo que pode chegar ao nosso extermínio, sim, quero dizer que podemos vir todos a morrer às mãos do nosso maior inimigo que é esse homem muito astuto, que todos conhecem por Luciano das Ratas. Nos últimos tempos, esse monstro tem-nos feito uma verdadeira razia, e se não nos organizarmos, a razia será completa, e a nós assiste-nos o direito à vida como a qualquer cidadão pacífico!

— Muito bem, muito bem, (gritavam de todos os lados.) Continue, senhora generala. E a generala continuou: — Pois já que tenho o vosso apoio, que outra coisa não era de esperar, pois que corremos um grande perigo, vou fazer uma melhor organização. E agora, toca a fugir, que não tarda por aí o Luciano besuntão.

A senhora generala organizou convenientemente o grande exército ratónico e depois disto, que lhe deu muito trabalho e mais aos seus ajudantes, o tio Luciano andava muito preocupado. Já poucos ratos apanhava, por mais astúcias que empregasse, nenhuma dava resultado.

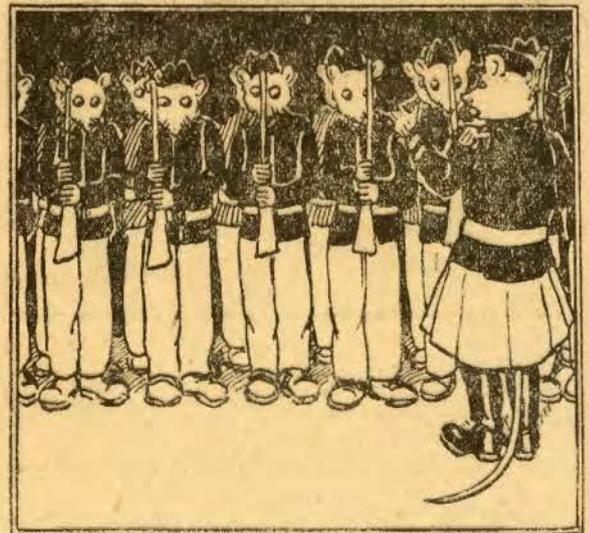
Os meus meninos não conheceram o tio Luciano? Eu também não.

Mas perguntem aos papásinhos e eles lhes dirão quem era.

O meu contou-me, uma vez ao serão, que o Luciano era um homem que levou a vida inteira metido pelos canos de esgôto em busca dos objectos que as nossas mamásinhas deixavam, por descuido, cair pela pia, quando sacudiam a toalha da mesa da casa de jantar, as pequeninas colheres de prata e outros pequenos objectos por cujo desaparecimento tornavam responsáveis as criadas que eram, como se costuma dizer, quem pagava as favas. Cá em casa este último caso nunca se deu porque a minha mãesinha nunca teve criada.

O tio Luciano, (que Deus lhe perdôe as mortes que praticou.) nem sempre encontrava os objectos que lhe pediam que procurasse, e... (vá lá um pouco de má língua.) como não tinha fiscalização aos seus actos, — (pois que, quando saía dos canos de esgôto, ninguém ao pé dele podia chegar, porque vinha sempre muito mal cheiroso e metia mais repugnância que próprias ratazanas) — podia, se quisesse, vender os objectos que encontrava ao ferro velho receptador.

Isto, meus queridos meninos, são só suposições, não vão julgar que eu seja tão má que venha neste conto acusar



de ladrão o tio Luciano das Ratas. Se alguns objectos vendeu, não foi por mal. Também quantas vezes aconteceu o Luciano ao entregar os objectos que acunava, virem pagarlhe com uma buca de pão e um copo de vinho. E algumas vezes com um: — Muito obrigado, tio Luciano! Por isso está por mim perdoado, e por Deus que sempre perdôa.

O seu serviço tornou-se pouco rendoso e, por fim, descobriu na cidade subterrânea outro negócio que mais rendia. Era o negócio das ratas que apanhava todos os dias



às centenas e as vendia a vintem cada uma, não se sabe a quem nem para quê. Mas eu, tenho cá a idéa que passo a expor aos meninos, que estão já impacientes por saber:

— Uma vez prenderam um carnicheiro acusado de vender chouriços falsificados. Os jornais daquele tempo disseram que os chouriços por dentro eram carne de cão e por fóra tinta de zarcão!

E quem sabe o destino que o Luciano dava a tanta ratazana?!... Não vão pensar que eu queira dizer positivamente que os ratos eram vendidos aos carnicheiros para fazerem chouriços. Não. Isso não, mas eu é que não como nem mais um bocadinho de chouriço vendido nos talhos. Ah! não me lembrava, o tio Luciano já morreu há muito tempo. Não há, portanto, perigo.

Ora, o velhote andava, ultimamente, como já disse, muito preocupado. O que só faltava dizer é o motivo que deu causa à sua preocupação. — E' que depois da organização do tal exército ratónico, o tio Luciano não apanhava ratas e a miséria, em sua casa, já se fazia sentir. O Luciano apesar de tudo, era um bom chefe de família, e, contrangiase ao ver os filhos com fome. E ele bem sabia que a tal rata-sábia era a causa da sua desgraça, e jurou vingar-se da astúcia da senhora generala. Mas a bicharia estava bem orgauidada. As sentinelas, sempre vigilantes, assim que viam ao longe um vulto, percebiam logo que era o malvado Luciano, e... ó pernas p'ra que vos quero?! Davam o sinal de alarme e, quando passava o homem besuntão, não via nem uma rata para amostra, e lá se retirava sem levar ao menos uma, p'ró caldinho da noite. Sim, havia mais de oito dias que em casa do Luciano, se não comia outra coisa senão ratas assadas ou cosidas! E dizia o tio Luciano que sendo bem feitas, eram melhor que galinha.

Um dia, o caçador de ratas, descobriu o buraco por onde se escapavam, e exclamou muito contente. — Olá, seus mariolões, suas ratazanas! Então, vocês, julgavam que cá o velhote não «havera» de descobrir por onde fugiam?!

— Era o que faltava, vocês viverem p'ra qui todas regaladas e, lá em casa, os meus meninos a pedirem pão, e eu sem ter que lhes dar a comer?! E os meus méritos já

iam por água abaixo, não? Pois agora que vos pilho, vocês verão como o Luciano pula e vocês também pulam aqui p'ra dentro do saquinho... mãos à obra...

O tio Luciano levava, dentro do saco, flor de enxofre que queimou à entrada do buraco, e colocando o saquinho de boca aberta mesmo à entrada do buraco, esperou que as ratazanas atordoadas com o fumo e com o cheiro do enxofre a arder, entrassem todas no saco sem mais nenhum trabalho. Mas, (boa conta deita o preto,) esperou, esperou muito tempo, e... nada de ratos nem de ratazanas!

— «O'ra está!» Exclamava o tio Luciano: Então, não querem lá ver; terei de procurar outro officio? E voltou p'ra casa sem levar caça p'ra família.

Passaram-se dias sem que o grande besuntão fosse caçar ratos; fazia agora recados lá p'ros lados da Ribeira Velha.

Um dia leram-lhe uma interessante noticia num jornal, com esta epigrafe.

Os ratos constipados

— «Tivemos conhecimento pelo sacristão da Igreja da Sé que, lá na Sacristia, um caso hilariante se passara há dias.

Seguimos para lá a ver o que se passara, e fomos pelo sr. Cónego muito bem recebidos, o qual nos contou assim:— Foi no domingo, depois da missa... Como de costume, eu vim à sacristia para tirar a estola e a minha sobrepeliz.

Quando cheguei à porta vi, muito admirado, que da gaveta do grande armário dos paramentos, que tinha deixado aberta, saíam ratos às centenas para o meio da casa. Vinham os ratos muito atordoados e de mãositas no ar. Espirravam todos a um tempo, dir-se-ia estarem todos constipados; nem notaram aqui a minha presença! Eu não pude conier o riso, pois o espectáculo era, como pode calcular, muito hilariante.

Chamei o sacristão que ria a bandeiras despregadas, não sabendo, como eu, a que attribuir tal scena. Veja o senhor Redactor se descobre.»

E mais não dizia a gazeta.

Agora pergunto eu aos meninos. Já adivinharam o que deu motivo aos ratos se constiparem? Então, não adivinham? Não os quero maçar mais. Eu explico. Foi o tio Luciano que, quando queimou o enxofre, ofereceu, sem saber, ao Cónego e ao sacristão da Sé, aquele lindo espectáculo dos ratos a espirrar.

O fumo era tanto, produzido pelo enxofre a arder, que os ratos, numa correria doida, foram dar, sem saber, à sacristia da Sé, e saíram, a espirrar, pela gaveta do armário dos paramentos!

— Sim, senhores, foi verdade. Eu nunca tinha visto tantas ratazanas juntas! disse o tio Luciano.

Ali é que eu me vinguei, rapazes. Enchi o papinho, e fiz bom negocio naquele dia. O sacristão foi-me chamar a casa, que era ali perto. Fui lá e vi tudo.

Peguei numa vassoura e fiz uma verdadeadeira mortandade. Enchi o saco de ratos mortos, que renderam bons vintens.

E disse meu pai que, no dia seguinte, em certo talho, os chouriços se venderam mais baratos!



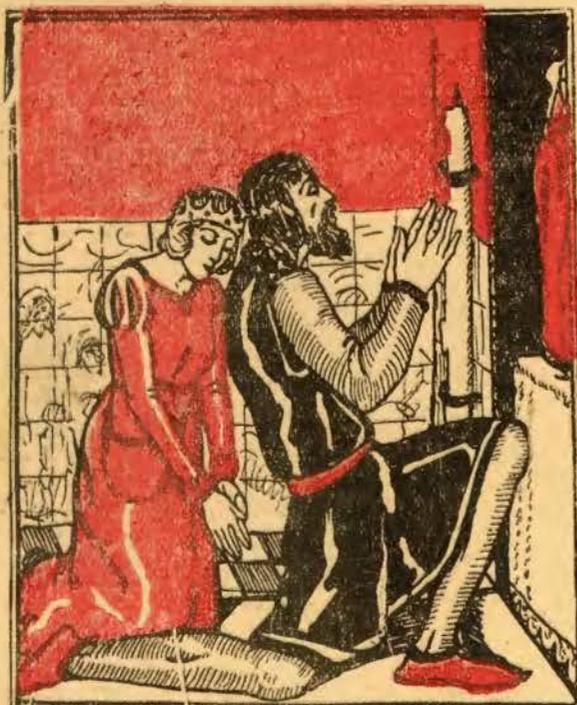


HISTÓRIA da PRINCESA ESTRELA e do PAGEM DOM SOL

Por BEBE CYRNE
1.^a MENÇÃO HONROSA
SERIE A — 12 anos de idade
Desenhos de E. MALTA

EM tempos que já lá vão há mesmo muitos anos, havia em terras longínquas um grande reino onde tudo era lindo e as riquezas tamanhas que não se conheciam pobresinhos. Era um reino muito feliz, governado por um grande rei muito bondoso e por uma rainha muito linda e muito santa.

Viviam na maior das harmonias e quando se punham ambos às janelas do palácio, deitando os olhos para todas as terras que o rodeavam, todos os povos que eram senhores começaram a falar das suas riquezas, da sua felicidade... mas, a certa altura, calavam-se e um profundo suspiro cortava o silêncio. E' que a ventura dos soberanos não era completa e já nêsse tempo se conhecia o ditado: — não há rosas sem espinhos. Que faltava, pois, a quem ti-



nha tantas riquezas que as não podia contar, tantas terras que precisaria de um ano inteiro para as percorrer e tanta amizade, tanto bem querer em todos os corações, como de estrêlas há no céu?

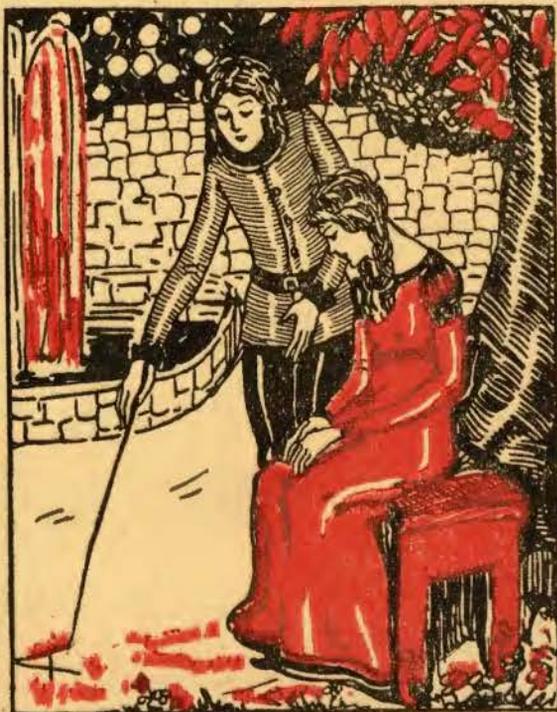
Faltava-lhes um filho. Nos primeiros anos de casados, esperaram confiados em Deus que essa ventura lhes seria concedida mas o tempo foi passando, sem que menina ou menino viesse completar, com a sua graça e a sua inocência, a vida de seus pais.

Um dia em que a tristeza da rainha, que era quem mais sentia este desgosto, era maior, nesse dia resolveram ir a uma capelinha onde se venerava uma santa a que o povo atribuía inúmeros milagres e fazer-lhe promessa, uma grande promessa. Lá foram e de joelhos banhados em lágrimas, suplicaram à santinha que lhes concedesse

a graça tam desejada, ainda que houvessem de sofrer muito por amor dêsse seu filho.

Passado algum tempo, numa linda manhã de maio, em que o sol era mais doirado, mais perfumadas as rosas, correu por todo o reino a feliz nova de que havia nascido uma princezinha.

Por espaço de oito dias os sinos tocaram sem parar,



so vir-lhe às mãos algum livro mau e cumprir-se a promessa da fada má. A princezinha, quando teve conhecimento de tal, chorou abundantes lágrimas, as primeiras talvez de sua vida. Para a entreterem, os maiores pintores daquele reino pintaram livros formosíssimos com toda a variedade de coisas. Sucedia que na côrte, entre outros, havia um pagemzinho da mesma idade da princeza, de quem ela muito gostava. Brincavam juntos, apanhavam borboletas, contavam histórias, e D. Sol, que assim se chamava êle, era o melhor companheiro e amigo de Estêrta. O rei e a rainha, satisfeitos da sua alegria, animavam o pagemzito, e não sabiam mais que lhe haviam de fazer.

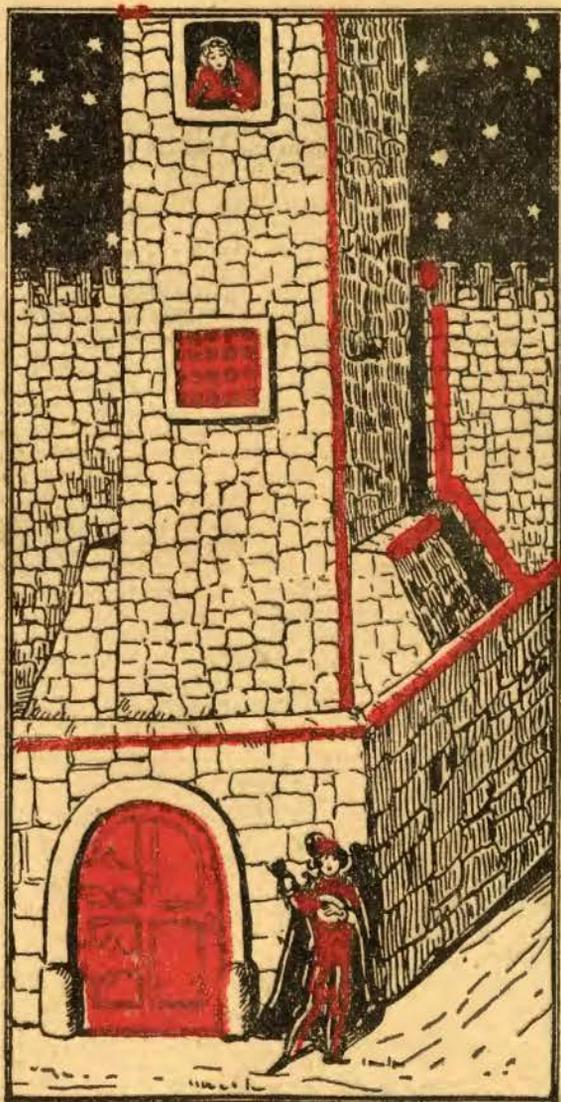
Uma ocasião, dia de anos da princeza seu amiguinho D. Sol, que andava já nos estudos, escreveu-lhe uma linda cartinha felicitando-a pelos seus anos e mandou-lhe um lindo ramo de rosas colhido por êle. Tudo isto foi cautelosamente feito, porque D. Sol, muito envergonhado, não queria que mais ninguém, a não ser Estêrta, lesse a sua cartinha. Ela, porém, confessou-lhe, com grande má-gua e vergonha, que não podia ler porque não sabia e contou-lhe o que seu Pai resolvera a tal respeito. Daí em diante, todos os bocadinhos, que podiam, aproveitavam para D. Sol ensinar Estêrta a ler. Como se estava na primavera, era muito simples, iam para os jardins e com uma varinha traçavam-se as lêtras nas suas arcadas. Dentro em pouco, sem que ninguém o suspeitasse, a princeza lia correntemente, e, embora com dificuldade escrevia também qualquer coisa. O seu prazer era sem limites e a sua amizade por D. Sol aumentou mais ainda. Muito e muito reconhecida quiz dar a D. Sol uma lembrancasinha de que

as pastorinhas, das serras distantes, traziam frutas e cordeirinhos, as suas melhores riquezas, e os nobres vinham depôr aos pés da princezinha recém-nascida joias do mais subido valor. Foi uma alegria como nunca mais houvera memória, e umas festas tam grandiosas e tam ricas que difficilmente se poderiam repetir.

Mas há sempre um mas, que não permite que as alegrias deste mundo sejam completas; no dia em que a princezinha se baptizou recebendo o nome de Estêrta pela muita formosura de que era dotada, duas fadas, ao luar da noite, vieram colocar-se à cabeceira do seu berço. Uma dessas fadas vestia de branco e trazia na mão uma varinha doirada e a outra, com um longo véu escuro, dava a impressão duma noite triste sem luar e sem estêrta. O rei que, à beira da sua filhinha, a contemplava com ternura, ouviu as fadas dizerem cada uma por sua vez: — Eu sou a fada branca e te fado para que sejas boa como as Santinhas que se adoram nos altares; rica como todos os reis do mundo, todos juntos; e linda como a mais linda estêrta que Deus tiver no céu.

Depois falou a fada negra que, em voz pausada e triste, disse: — Serás linda, serás boa, feliz, mas alguma coisa sofrerás pelas muitas lágrimas que custaste a teus pais.

O rei ficou muito admirado e, ao mesmo tempo, muito triste pelas estranhas palavras da segunda fada. Ficou muito pensativo durante muitos dias e, muito resolvido a evitar que a princeza do seu coração soffresse a mais pequena má-gua. Os anos se foram passando e na maior alegria viviam aqueles pais no amor da princezinha Estêrta sempre boa, sempre linda e sempre amada por todos. Os seus cabelinhos eram loiros e finos como sêda, a sua pele era um lírio de brancura, e os seus olhos faziam inveja aos astros do céu. A par de tudo isto era tam meiga, tam delicada e tam inteligente que era mesmo um encanto. Para que ela se sentisse inteiramente feliz, seus pais rodeavam-na das mais lindas coisas. A baixela em que a serviam era toda em ouro e os seus vestidos eram muito lindos e preciosos. Quando a princezinha chegou aos sete anos de idade, a idade em que todas as crianças começam a aprender a ler, seu pai determinou que ela não aprenderia tal coisa, porque poderia por um infeliz aca-



(Continuação do conto HISTORIA DA PRINCESA ESTRELA E DO PAGEM D. SOL)

ele gostasse. Pensou, tornou a pensar e nada lhe acudia à ideia porque todas as suas joias eram impróprias para lhe oferecer. Brinquedos também lhe não poderia dar porque o pagemzinho não se entretinha com eles. Pensou, pensou, por fim, decidiu oferecer-lhe um coraçõzinho de ouro, muito bonito, que ao abrir-se deixava ver um lindo rosto que era, nem mais nem menos, o da princesa Estrela.

D. Sol ficou radiante e meteu logo o coraçõzinho de ouro no tio que sempre trazia ao pescoço, prometendo-lhe nunca mais o tirar nem o perder. Passaram-se alguns anos e já o rei pensava na melhor maneira de casar a sua filha antes que qualquer dêles morresse e a principzinha ficasse sem amparo. Um dia chamou-a e disse-lhe: — «Minha filha, completaste os teus 16 anos e teu Pai julga a propósito escolher-te um noivo bonito, rico e fidalgo, que seja digno da tua mão.

Os reis dos outros países mandaram-me, há muito, retratos de seus filhos, desejosos de terem para nora a princesa Estrela»; e, dizendo isto, o rei mostrou à princesa uma meia dúzia de retratos de príncipes, cada qual mais bonito, mais airoso e de aspecto mais nobre. A principzinha olhou, tornou a olhar, e disse: — «São todos muito formosos e grandes senhores de noivo parecer, mas, meu pai, porque tendes tanta pressa em casar vo-sa filha? Noivos não me saltarão, no dia em que me resolver, por muito tarde que seja. O rei tentou convencê-la, por todos os modos, dizendo-lhe que se sentia velho e doente, que a rainha, sua mãe, já não era muito nova, que ela não tinha irmão algum que a amparasse e protegesse e que um bom marido era a única coisa que lhe faltava para completar a sua felicidade. A principzinha respondia sempre que não, que não queria, até que o pai, desconfiado, perguntou se ela tinha alguma vez pensado em escolher noivo. A princesa fez-se muito corada mas, como nunca havia mentido a seu pai, respondeu simplesmente:

— E' verdade, meu pai! Não desejaria casar-me senão com D. Sol.

O rei, indignado pegou na filha e foi metê-la numa torre muito alta, onde resolveu deixá-la ficar até que mudasse de ideia. A princesa estava guardada por seu pai que passava o dia à porta da torre e só a sua aia lhe vinha trazer as refeições. O rei, desgostoso, mandou fechar as portas do palácio durante muitos dias e ordenou que D. Sol retirasse durante algum tempo da corte. O pagem, admirado de tudo isto, resolveu empregar todos os meios de salvar a principzinha do seu coração. Contudo, os dias passavam-se e as saudades eram tantas que D. Sol resolveu, de qualquer maneira, comunicar com a princesa, o que era muito difícil. Pensou, pensou, e, por fim, foi ter com o padeiro do palácio que estava fabricando uns pãozinhos especiais de que a princesa muito gostava e, dando-lhe muito dinheiro para ele se calar, pediu que lhe deixasse meter um bilhete dentro do pãozinho. A tarde, quando a princesa merendava, ao partir o pão encontrou aquele papelinho muito bem dobrado que dizia: — «Estrêla, se quereis ver-me e ouvir-me, chegai-vos à janela da torre depois que tudo esteja deitado no palácio. A princesa ficou radiante e, à noite, quando tudo dormia, chegou-se à janela e viu, ao luar, uma capa e um chapéu de plumas e ao mesmo tempo ouviu uma guitarra e uma voz, muito sua conhecida, que cantava:

*Lindas estrêlas do ceu,
de tam lindas que elas são,
não vos trocava por uma
que trago em meu coração !...*

Todas as noites, D. Sol vinha fazer uma serenata à princesa, até que, um dia, o velho rei acordou e sentiu cantar. Mandou um pagem ver o que e a e este, dando a volta aos jardins, encontrou, de frente da torre, D. Sol de quem era muito amigo, e avisou-o de que o rei desconfiava e o poderia mandar matar se soubesse que ele estava ali. D. Sol, desesperado, escreveu no dia seguinte um bilhete à princesa em que dizia: — Vou mandar-vos três maçãs de sobremesa; não deixeis de as comer e deixai o resto por minha conta. No dia seguinte, ao jantar, entre os doces e a fruta, lá vinham três maçãs. A princesa comeu-as e ao acabar a terceira caiu para traz. A aia, vendo aquilo, chamou em altos gritos pelo rei que, cego de dor, desatou a correr pelo palácio fora e foi chamar, ele próprio, os melhores médicos para acudir à sua filha. Os médicos velhos e sábios, de enormes barbas brancas, vieram com rapidez e suavidade para o acompanhar, tal a pressa que ele levava. Chegaram ao pé da princesa, examinaram-na, olharam um para os outros, abanaram as velhas cabeças e declararam que Estrela estava morta e bem morta e que mais não havia, a fazer do que enterrá-la. O rei e a rainha largaram em altos gritos. O rei cheio de remorsos, arrependeu-se todo por ter sido tão mau. Os sinos tocavam muito tristes e nem uma flor ficou nos jardins, pois que todos vieram trazê-las para a principzinha morta.

No mesmo dia se fizeram os funerais e o rei todo de negro, quiz acompanhar a sua filha até à última morada. Fizeram um grande cortejo em que tomaram parte os nobres, as damas e todo o povo daquele reino. Ao cair da noite, quando todos se vieram embora, ficou o rei dentro da capelinha onde estava a urna com o lindo corpo de Estrela e a porta D. Sol embriagado na sua longa capa negra ingigia esperar que o rei saísse. A certa altura, na sua voz mais pausada, D. Sol pronunciou estas palavras: «Rei, se queres tornar a ter a tua filha, que julgas perdida, promette que a deixarás seguir o caminho que lhe pede o coração».

O rei levantou a cabeça e procurando abrir os olhos, inchados e vermelhos, disse:

— Quem és tu, que assim falas? Zombas por acaso da minha dor? Pensas que eu não sei que a minha está morta para sempre e que não poderei rehavê-la porque só se morre uma vez?

— Então, de dentro da urna, uma voz, muito melodiosa, disse: — Não estou morta, mas sim adormecida. Só de meu pai depende que eu volte à vida. O pai ouvindo estas palavras lançou-se sobre a urna, abriu-a e tirou para fora a principzinha, louca de alegria. Nisto, um lindo raio de luar, entrando pela porta, iluminou um vulto em que a princesa reconheceu o seu companheiro e amigo. Lançaram-se nos braços uns dos outros, chorando de alegria e voltaram para o palácio. No dia seguinte fez-se o casamento do pagem D. Sol e da princesa Estrela. Dizem que durante a noite da véspera dê-se dia, como por milagre, tomaram a florir todas as flores que em sinal de luto se haviam cortado. Festa assim não torna a haver e dizem que lá estão todos ainda muito e muito felizes.

MENINOS:—ALERTA!...

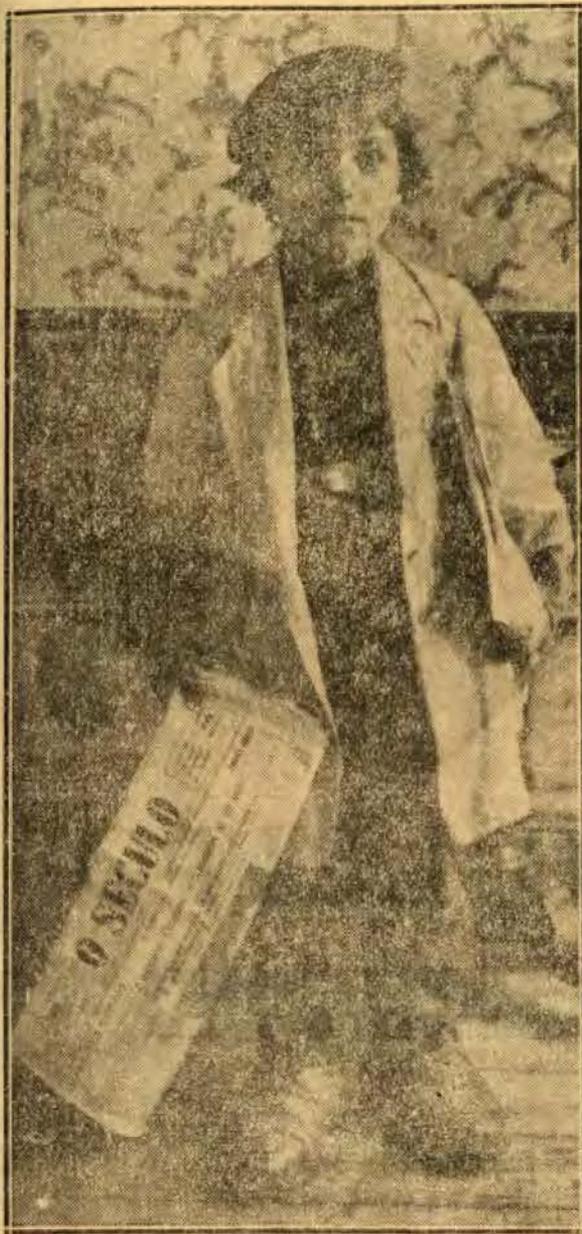
MUITO BREVEMENTE:

CÓ-CÓ-RÓ-CÓ!...

Contos infantis por Augusto de Santa-Rita, ricamente ilustrados por Eduardo Malta

II VOLUME DA

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM



UMA PEQUENINA VEN- DEDORA DO PIM-PAM PUM



*A menina Maria Clementina Felção
Pinto, de 4 anos de idade, que
quasi todas as noites sonha
com o nosso jornal.*

CORRESPONDENCIA

Joaquim Francisco Nunes—Lê o que digo ao teu «primo» António Avelar Fernandes.

Rui Coelho Pinheiro—Algumas boas, outras fraquinhas.

Mário de Jesus Norte—Papei sem linhas!!! Tinta preta!!! Idade!!!

Maria Suzana Barbosa Martins—Só recebi duas cartas.

As historias devem vir num papel à parte, escrito de um só lado e os desenhos a mesma coisa.

Percebeste? A Armindinha também serve esta recomendação.

Manuel Romeiro Vaz Velho—Grande maroto já chegaste tarde. Paciência...

Maria melia dos Santos—Já lá está o teu «Carequinha», desde que veio.

ADIVINHAS

1

Qual é a coisa, qual é?!...
Que já sem ser pequenina,
E tendo na boca o pé,
Todos tratam por menina?

2

E' airosa e delgadinha;
Tem larga saia rodada;
Ao dançar numa salinha,
Feixa a salinha asseada?!

DECIFRAÇÃO DAS ANTERIORES

1-Rua da Trindade- 2-Rua do Mun-
do-3-Rua da Procissão-4-Rua do Ar-
senal-5-Rua do Arco do Cego.

Quem seria a menina felizada que, fazendo anos, teve tantos presentes?! Vejam os nossos pequeninos leitores se conseguem descobrir.





PAPIM NO LEITO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenho de EDUARDO MALTA

Pápim no leito; não dorme:
Cogita em seu corredor,
No seu corredor enorme!
Pois ao fim do corredor,
Existe um Papão disforme
Por entre treva e terror!
E nesse instante de horror,
Seu coração sonhador,
E' um corredor enorme,
E' todo o seu corredor!

Mas ao canto embalador:
—Dorme, meu menino, dorme...
Rasga-se um clarão de Amor,
Nesse corredor enorme,
Que ilumina o corredor;
E que esse Papão disforme,

Faz afastar-se, conforme
Cresce a toada uniforme
Dêsse canto embalador;
—Dorme, meu menino dorme...
— Ai! Vai-te embora Papão,
Dorme, dorme, meu Amor,
Um soninho descansado!—
Cresce inda mais o clarão,
Tudo fica iluminado;
E o Papão, afugentado,
Já deixou o corredor,
Já se foi para o telhado!
O perigo está passado:
E' tudo um clarão de Amor!

E o Pápim, já socegado,
Dorme na paz do Senhor